



## Reflexões sobre a epistemologia de Paul Feyerabend e uma Ecologia de Saberes

Najara Vidal Pantoja<sup>1\*</sup>, Anelise Maria Regiani<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Acre, Xapuri, Acre, Brasil e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, <sup>2</sup>Docente da Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. \*[najara.pantoja@ifac.edu.br](mailto:najara.pantoja@ifac.edu.br)

Recebido em: 21/04/2020 Aceito em: 23/04/2020 Publicado em: 07/05/2020

### RESUMO

Conhecido pela alcunha de o “pior inimigo da ciência”, Paul Feyerabend esclareceu que a definição se dera pelo fato de ter dito que “abordagens não ligadas a instituições científicas podiam ter algum valor”. Além desta, outras críticas destinadas ao epistemólogo austríaco são provenientes do fato de que a epistemologia de Paul Feyerabend defende a pluralidade de teorias e o pluralismo metodológico. Entretanto, o que defende não é que qualquer coisa pode ser ciência, mas sim que a fronteira entre o que é científico e o que não é científico não é rígida e intransponível. Para desfazer a tradição monocultural, surge a visão de uma Ecologia de Saberes, onde diferentes saberes são valorizados e além da valorização, esta visão defende uma coexistência harmoniosa entre os conhecimentos de distintos grupos. Neste sentido, o trabalho apresenta que é necessário promover um diálogo entre as culturas e a preocupação em definir maneiras para que o diálogo possa efetivamente acontecer. Tendo dito tudo isto, conclui-se que o “fazer ciência” e a educação científica precisam de “pessoas que sejam adaptáveis e inventivas, não rígidos imitadores de padrões comportamentais estabelecidos”.

**Palavras-chave:** Paul Feyerabend. Pluralidade de saberes. Pluralidade de teorias.

## Reflections on the epistemology of Paul Feyerabend and an Ecology of Knowledge

### ABSTRACT

Known as "the worst enemy of science," Paul Feyerabend clarified that the definition was given because he said that "approaches not linked to scientific institutions could have some value." In addition to this, other criticisms aimed at the Austrian epistemologist come from the fact that Paul Feyerabend's epistemology defends the plurality of theories and methodologies. However, what he defends is not that anything can be science, but that the boundary between what is scientific and what is not scientific is not rigid and insurmountable. In order to undo the monocultural tradition, the vision of a Knowledge Ecology emerges, where different knowledge is valued, and besides the valuing, this view defends a harmonious coexistence among the pieces of knowledge of different groups. In this sense, the work shows that it is necessary to promote a dialogue between cultures and the concern to define ways so that the dialogue can effectively happen. Having said all of this, it follows that “doing science” and scientific education need “people who are adaptable and creative, not rigid imitators of established behavioral patterns.”

**Keywords:** Paul Feyerabend. The plurality of knowledge. The plurality of theories.

## INTRODUÇÃO

Paul Karl Feyerabend, epistemólogo austríaco, nasceu na cidade de Viena (1924) e faleceu aos 70 anos em Zurique. Entre os renomados estudiosos que conheceu e trabalhou estão Karl Popper e Imre Lakatos, sendo este último o grande incentivador para que seus estudos fossem publicados, como o próprio Feyerabend descreve no prefácio da obra *Contra o Método* (FEYERABEND, 2007).

É possível e inclusive muito fácil encontrar vários críticos ao trabalho de Feyerabend. Entretanto, em sua autobiografia ele se defendeu usando o argumento de que foi muitas vezes mal interpretado (FEYERABEND, 1996). Comentou também sobre a alcunha que recebera de ser o “pior inimigo da ciência”, esclarecendo que a definição se dera pelo fato de ter dito que “abordagens não ligadas a instituições científicas podiam ter algum valor” (FEYERABEND, 1996, p. 153-154).

Para citar uma crítica que diz respeito ao aspecto tratado neste ensaio aponta-se Mário Bunge (BUNGE, 1985), que repreendeu fortemente a tese de igualdade de tratamento e de valoração entre conhecimento científico e outras tradições. A maior parte destas críticas é proveniente do fato de que a epistemologia de Paul Feyerabend defende a pluralidade de teorias e o pluralismo metodológico.

## A CIÊNCIA EM UMA SOCIEDADE LIVRE

De início, o que Feyerabend estabeleceu como uma sociedade livre:

[...] Uma sociedade livre é uma sociedade em que todas as tradições têm direitos iguais e igual acesso aos centros do poder.

Isso levou à objeção de que direitos iguais só podem ser garantidos se a estrutura básica da sociedade for “objetiva”, ou seja, não influenciada por pressões indevidas de nenhuma das tradições (FEYERABEND, 2011, p. 131-132).

Ao escrever o livro “A Ciência em uma sociedade livre” (FEYERABEND, 2011), Feyerabend se questiona sobre o que é Ciência. Em suma, afirma que não existe uma única resposta, posto que cada escola filosófica tem sua própria visão. Deste modo, existem ciências diferentes com padrões e métodos específicos em cada uma delas e tais padrões precisam ser ultrapassados para que este campo científico evolua.

Sendo assim, o que a epistemologia de Feyerabend vem defender não é que qualquer coisa pode ser ciência, mas sim que a fronteira entre o que é científico e o que não é científico não é rígida e intransponível. Isso decorre do fato de que não existe um

método científico universal, como defendem os racionalistas, e sim que cada tradição possui seus métodos e padrões.

A respeito dos relativistas filosóficos Feyerabend os crítica expondo que estes creem que um ponto de vista que determinado indivíduo defende é somente mais uma maneira de organizar a vida e que é importante somente para este indivíduo (ou coletivo) nascido em um grupo que compartilha este ponto de vista, que pode vir a ser completamente desinteressante para os demais indivíduos (DAMASIO; PEDUZZI, 2017). Já o relativismo político é defendido por Feyerabend, posto que neste, todas as tradições têm direitos iguais e, ele também tece argumentos em defesa do relativismo epistêmico através da hipótese de que existem formas distintas de viver e acumular conhecimentos, além de que, opiniões divergentes podem ser, do mesmo modo, adequadas (DAMASIO; PEDUZZI, 2017; FEYERABEND, 2011).

Para Feyerabend, o progresso do conhecimento só é possível quando teses óbvias são contrapostas e antíteses são elaboradas. Do mesmo modo, respeitando-se o pluralismo de ideias. E sobre isso, ele defendeu ainda que, “a ideia de uma racionalidade universal e estável é tão irreal quanto à ideia um instrumento de medida universal e estável que meça qualquer magnitude, não importa as circunstâncias” (FEYERABEND, 2011, p. 123).

Finalizando esta sessão, apresenta-se o contexto em que o pensamento de uma ciência para uma sociedade livre ocorreu pela primeira vez para Paul Feyerabend:

O problema do conhecimento e da educação em uma sociedade livre me ocorreu pela primeira vez durante meu período como beneficiário de uma bolsa de estudos do governo no Weimar Institut zur Methodologischen Erneuerung des Deutschen Theaters (1946), que era uma continuação do Deutsches Theater Moskau sob a diretoria de Maxim Vallentin. Os funcionários e os alunos do Institut periodicamente visitavam teatros na Alemanha Oriental [...] Depois de cada peça pedia-se ao público que permanecesse sentado enquanto dávamos início a uma discussão sobre aquilo que tínhamos acabado de ver. Havia peças clássicas, mas havia também peças recentes que tentavam analisar eventos recentes. A maior parte do tempo elas tinham como tema o trabalho da resistência na Alemanha nazista. Eram indistinguíveis das peças antigas que louvavam a atividade do *underground* nazista em países democráticos. Nos dois casos havia discursos ideológicos, explosões de sinceridade e situações perigosas na tradição de policiais e ladroes (FEYERABEND, 2011, p. 133-134).

Ao analisar a situação, Feyerabend propôs que se pensassem sobre qual viés ideológico é definido quem é o lado bom (ou correto) durante a elaboração de todas

estas peças. O espectador é levado a identificar por qual “lado” deve depositar sua torcida?

Levantados tais questionamentos, ele continuou com a observação de que o dramaturgo pode criar momentos nas peças para que o público seja induzido a escolher como o “lado bom” o mesmo lado que ele acredita ser o grupo superior presentes nestes fatos.

E, enfim, em uma sociedade livre o próprio público deve ter a liberdade para opinar e escolher o posicionamento que julgue mais correto e ações que julgue mais apropriadas. A plateia não deve ser direcionada pelo dramaturgo, assim como os alunos não devem ser induzidos pelos professores a terem as mesmas visões e concepções de seus mestres. Em nenhuma ocasião eles devem “tentar ser uma ‘força moral’” (FEYERABEND, 2011, p. 134), posto que, sendo tanto para o bem como para mal, esta força moral “transforma as pessoas em escravos, e a escravidão, mesmo aquela a serviço do Bem, ou até do próprio Deus, é a condição mais abjeta de todas” (FEYERABEND, 2011, p. 135).

## **UM PROCESSO CONTRA-INDUTIVO**

Feyerabend no prefácio de sua obra *Contra o Método* (2007), aborda o aspecto de que alguns filósofos suspeitavam que não há apenas uma entidade chamada “ciência” em que seus princípios permanecem claramente definidos, mas sim que tal ciência compreende grande variedade de abordagens e que até mesmo algumas ciências particulares também são coleções dispersas de assuntos.

“A ideia de um método que contenha princípios firmes e imutáveis para conduzir os negócios da ciência depara com considerável dificuldade” (FEYERABEND, 2007, p. 37), dito isto, o epistemólogo austríaco recomenda verificar e aceitar que não existe um preceito sequer que não possa ser transgredido em alguma ocasião e tais transgressões são fundamentais para o progresso. Desta maneira, não devemos concebê-las como frutos de um conhecimento insuficiente ou algo que a atenção plena a teria evitado.

Neste sentido, uma compreensão recente sobre a história e filosofia da ciência é que “a invenção do atomismo na Antiguidade, a Revolução Copernicana, o surgimento do atomismo moderno [...] ocorreram apenas porque alguns pensadores decidiram não

se deixar limitar por certas regras metodológicas ‘óbvias’” (FEYERABEND, 2007, p. 37).

Ao propor um avanço científico a partir de um processo contra-indutivo, Paul Feyerabend sugeriu elaborar hipóteses inconsistentes com as teorias já estabelecidas. Estas hipóteses estariam caminhando no sentido oposto ao processo empirista conhecido até então. Em análises distintas ele apresenta:

- (1) a contra-regra que propõe desenvolver hipóteses inconsistentes com *teorias* aceitas;
- (2) a contra-regra que propõe desenvolver hipóteses inconsistentes com *fatos* bem fundados.

Desta maneira, temos que a tarefa do cientista é *tornar forte a posição fraca* partindo do pressuposto que “algumas das mais importantes propriedades formais de uma teoria são descobertas por contraste, e não por análise” (FEYERABEND, 2007, p. 46).

Entretanto, se pensarmos que o que Feyerabend defende é a troca de um método empirista (teoria-observação) por um método em que se utilize “multiplicidade de teorias, concepções metafísicas e contos de fadas” estaremos fazendo uma leitura errada de sua proposta (FEYERABEND, 2007, p. 49). É válido ressaltar, pois, que assim como ele, o que se defende neste ensaio é que mesmo metodologias vistas como inequívocas possuem demarcações. Ainda que, defendendo tais demarcações, o epistemólogo esclarece que não sustenta que a ciência deva decorrer sem padrões e regras.

Entretanto, precisam existir regras contextuais e regras absolutas, e que as primeiras não devem substituir as segundas, mas sim complementá-las.

Enquanto, por outro lado, mesmo as versões mais sofisticadas de empirismo exigem que o conteúdo empírico cresça tanto quanto for possível. Para isso, um passo importante nesta crítica é:

[...] pular fora do círculo e/ou inventar um novo sistema conceitual – por exemplo, uma nova teoria, que entre em conflito com os resultados observacionais mais cuidadosamente estabelecidos e confunda os princípios teóricos mais plausíveis – ou importar tal sistema de fora da ciência, da religião, da mitologia, das ideias dos incompetentes, ou das divagações dos loucos. Esse passo é, mais uma vez, contra-indutivo. A contra-indução é, assim, tanto um fato – a ciência não poderia existir sem ela – quanto um

lance legítimo e muito necessário para o jogo da ciência (FEYERABEND, 2007, p. 88).

E é assim que Feyerabend apresenta e defende que o método contra-indutivo pode amparar o avanço científico, seja para banir hipóteses já sugeridas ou mesmo para torná-las cabíveis.

A respeito de um método que Feyerabend especificou como “não-científico”, alguns capítulos da obra *Contra o Método* (FEYERABEND, 2007) vêm abordar o caminho percorrido por Galileu para confirmar a teoria de Nicolau Copérnico, uma teoria nova que “[...] entra em conflito com alguns fatos óbvios, é inconsistente com princípios plausíveis e aparentemente bem-estabelecidos [...]” (FEYERABEND, 2007, p. 177). E é exatamente este o caminho para quem decide percorrer contra a regra.

Em razão do exposto, tem-se que:

A ciência não é nem uma tradição isolada nem a melhor tradição que há, exceto para aqueles que se acostumaram com sua presença, seus benefícios e suas desvantagens. Em uma democracia, deveria ser separada do Estado exatamente como as igrejas ora estão dele separadas (FEYERABEND, 2007, p. 319).

## **SOBRE UMA ECOLOGIA DE SABERES**

Boaventura de Souza Santos, professor do Centro de Estudos Sociais, da Universidade de Coimbra desenvolveu uma linha de pensamento chamada “Epistemologias do Sul”, que é a diversidade epistemológica do mundo e é contra um desenvolvimento que silencia e ignora populações inteiras (SANTOS, 1995).

A conotação de “Sul” no termo provém de uma metáfora e sobrepõe em parte com o Sul geográfico, os países e regiões do mundo que foram submetidas ao colonialismo europeu (com exceção da Austrália e da Nova Zelândia) (SANTOS; MENESES, 2010). Os autores explicam o motivo da sobreposição não ser completa, visto que:

[...] por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afro-descendentes) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as ‘pequenas Europas’, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados (SANTOS; MENESES, 2010, p. 13).

Boaventura vem apresentar que:

Uma epistemologia do Sul assenta em três orientações:  
aprender que existe o Sul;  
aprender a ir para o Sul;  
aprender a partir do Sul e com o Sul (SANTOS, 1995, p. 508).

Neste sentido, surge a reflexão sobre aprender a observar a relevância de outras culturas e tradições. Perceber que existem caminhos diferentes a serem percorridos e que não devem se pautar em um eurocentrismo. E, com a emersão destas outras culturas ampliar o que se sabe e superar contradições sociais. E, acrescenta-se: por que não defender uma coexistência entre as culturas?

Para desfazer a tradição monocultural, surge a visão de uma Ecologia de Saberes, onde diferentes saberes são valorizados (CARNEIRO et al., 2014). Neste sentido, além da valorização, esta visão defende uma coexistência harmoniosa entre os conhecimentos de distintos grupos. O que corrobora com a impossibilidade de que exista uma epistemologia geral (SANTOS; MENESES, 2010).

Nos pressupostos sociais todas as relações são, por definição, culturais: intracultural ou intercultural. E, por ser assim, todos os conhecimentos válidos são contextuais, seja em “termos de diferença cultural com em termos de diferença política” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 9). Importante esclarecer que para Boaventura os termos interculturalidade e multiculturalismo são demasiados distintos, uma vez que o primeiro pressupõe um reconhecimento recíproco entre várias culturas e o segundo pressupõe que há uma cultura dominante que tolera ou reconhece a existência de outras no espaço cultural que domina (SANTOS; MENESES, 2010, p. 9).

Ao esclarecer aspectos importantes sobre interculturalidade Tubino (2015) apresenta a diferença entre uma interculturalidade funcional e a interculturalidade crítica. Com relação à primeira, ele afirma que se trata de uma interculturalidade que “no cuestiona las reglas de juego y es perfectamente compatible con la lógica del modelo neo-liberal existente” (TUBINO, 2005, p. 2).

Nesta conjuntura, interculturalidade seria o estabelecimento de cidadanias interculturais. Importante mencionar que, além de promover um diálogo entre as culturas, ela deve preocupar-se em definir maneiras para que o diálogo possa efetivamente acontecer (TUBINO, 2005).

Em face destes apontamentos surge o questionamento: Por que, nos últimos dois séculos os estudos e considerações sobre os conhecimentos válidos eliminaram o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento (SANTOS; MENESES, 2010, p. 9)

Para avaliar as causas de tal descontextualização, Santos e Meneses (SANTOS; MENESES, 2010, p. 9) apresentam o termo *epistemicídio*, se referindo à prática de silenciamento dos saberes diferentes àqueles considerados superiores e majoritários, em outras palavras, também pode ser definido como uma supressão das tradições locais. À medida que estas tradições foram superando os períodos das colonizações, estas foram determinadas como “saberes locais” e saberes “contextuais” e que somente serviam em duas situações “com matéria prima para o avanço do conhecimento científico; como instrumentos de governo indirecto” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 10) fazendo com que os povos que estavam sendo colonizados acreditassem que se auto-governavam.

E é a denúncia do silenciamento destas práticas, a valorização dos saberes que superaram os períodos coloniais e a busca por diálogos horizontais entre os saberes que as epistemologias do Sul vêm proporcionar. A este diálogo, como já apontado, Santos (2006) chamou de Ecologia de Saberes: “um conceito que busca promover o diálogo entre vários saberes” (CARNEIRO et al., 2014, p. 332) e ainda, que “saber escutar profundamente é um dos princípios básicos” (CARNEIRO et al., 2014, p. 332).

Assim sendo, qualquer que seja a investigação a ser realizada sobre a natureza das coisas, para que esta seja racional, é necessário que esteja ciente da existência de um “pluralismo de ideias e formas de vida” (FEYERABEND, 2007, p. 60).

Ou, de maneira mais geral e esclarecedora, temos que:

A unanimidade de opinião pode ser adequada para uma igreja rígida, para as vítimas assustadas ou ambiciosas de algum mito (antigo ou moderno), ou para os fracos e voluntários seguidores de algum tirano. A variedade de opiniões é necessária para o conhecimento objetivo. E um método que estimula a variedade é também o único método compatível com uma perspectiva humanitarista (FEYERABEND, 2007, p. 60).

Tendo admitido isto, se observa que algumas perguntas são feitas em diversos ambientes sem que sejam considerados que podem ser provenientes de estratos históricos distintos. Isto somente seria coerente para quem não conhece ou não valida o conceito de ecologia de saberes e adotando-se que todos os conhecimentos são “entidades atemporais” (FEYERABEND, 2007, p. 157) e que são igualmente

acessíveis, relacionando-se com outros conhecimentos independentemente dos episódios que os determinaram. Tal compreensão não considera que a “ciência é um processo histórico heterogêneo e complexo que contém antecipações vagas e incoerentes de ideologias futuras” (FEYERABEND, 2007, p. 158). Não esqueçamos, portanto, que pessoas provenientes de contextos sociais diferentes terão percepções do mundo diferentes e isto, não pode se configurar como um obstáculo ao conhecimento.

E, em mais um apontamento de Feyerabend:

A unanimidade é muitas vezes resultado de uma decisão política: os dissidentes são suprimidos ou permanecem em silêncio para preservar a reputação da Ciência com uma fonte de conhecimento confiável e quase infalível. Em outras ocasiões, a unanimidade é resultado de preconceitos compartilhados: as posições são tomadas sem um exame detalhado do assunto sob inspeção e infundidas com a mesma autoridade que vem da pesquisa detalhada (FEYERABEND, 2011, p. 109-110).

Ludwik Fleck, baseado em uma sociologia do conhecimento ao elaborar a obra *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico* (2010) amparou que os saberes refletem uma realidade social e são vinculados a conjecturas culturais e sociais. Neste ponto é importante retornar que a divisão de mundo entre o que é importante saber (vindo no Norte) e o que não é (vindo do Sul) determinou que o que se tem no lado Sul não é conhecimento real, e sim crenças, opiniões, magia idolatria, entre outros (SANTOS; MENESES, 2010).

Corroborando com esta visão Longino (1993) propõe que o conhecimento científico também pode ser produzido com o uso de múltiplas perspectivas e, estas podem ser provenientes de indivíduos com crenças e valores variados.

Em suma, a ciência é somente uma das formas inventadas pelas pessoas para lidarem com o ambiente e como já exposto, não é única e nem indefectível, porém num contexto em que se defende sua supremacia, ela se tornou “poderosa demais, atrevida demais e perigosa demais” (FEYERABEND, 2007, p. 223) para que a deixemos por sua conta própria.

## **IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA**

Diante do que foi exposto, o primeiro ponto a refletir nas considerações deste trabalho é a necessidade da defesa de uma emancipação cognitiva global em que se levantem debates em busca de uma justiça cognitiva global, como aponta Santos (2010).

Parece claro que, ao defender uma ecologia de saberes, o indivíduo deverá se despir da visão de uma educação científica verticalizada (de cima para baixo) e dotada de hierarquias. Neste cenário, o professor deixa de ser o “transmissor” do saber e começa a perceber os alunos como seres dotados de conhecimentos diferentes dos seus, porém, de maneira alguma, menos importantes.

Desta maneira, é preciso que num processo de aprendizagem baseado na ecologia dos saberes haja o confronto entre o que está a ser aprendido e o conhecimento que será desaprendido e, ainda, que este processo não desqualifique o segundo saber em detrimento do primeiro (SANTOS; MENESES, 2010). Entretanto, na ecologia de saberes procurar valorizar os conhecimentos não-científicos não implica desvalorizar as descobertas científicas, trata-se de dar impulso na interação e interdependência entre a ciência propriamente dita e outros saberes, os não-científicos (SANTOS; MENESES, 2010).

No mesmo sentido, se tem a visão de produção de ciência de Feyerabend (algumas vezes vista como mais fácil) que implica que um cientista precisa conhecer diversos padrões, métodos e procedimentos para somente então chegar à conclusão de quais padrões e regras irá adotar. Tradições diferentes devem ser conhecidas, abordadas e respeitadas (FEYERABEND, 2007) de tal maneira que não imponha os conhecimentos europeus como único padrão de saber e cultural. É necessário ainda que se atente ao fato de que a ciência moderna não é nem um “mal incondicional nem um bem incondicional” (SANTOS; MENESES, 2010, p. 11) tendo em vista que por diversas vezes a ciência moderna é diversa internamente ocasionando interações contraditórias na sociedade.

Essa troca de conhecimentos e a valorização de todas as culturas igualitariamente é o que Feyerabend descreveu como “a ciência para uma sociedade livre”. E é a esta reflexão que o leitor foi convidado desde o princípio desta leitura. O olhar destinado a outras tradições somente é possível quando o indivíduo emana de uma formação com uma perspectiva humanista, em uma concepção em que as pessoas se educam durante toda a vida e se educam entre si e, como Freire (2019) pontua: é preciso superar a contradição de um educador que deposita conhecimentos no educando, sendo este último uma propriedade do primeiro. Superada tal contradição surge a relação educador-educando e educando-educador. Com a troca de conhecimentos e uma relação horizontal o educador passa a ser a aquele que enquanto educa também é educado

mediante um diálogo epistemológico com o outro, tornando-se ambos sujeitos que crescem juntos e continuamente no processo (FREIRE, 2019).

A defesa desta pluralidade de saberes não é um debate fácil e com respostas precisas. Cada vez que uma observação é feita surgem diversas questões que encaminham para outras observações e questionamentos. Santos (2010) considera alguns deles:

[...] Como podemos distinguir o conhecimento científico do conhecimento não científico? Como se distingue o conhecimento não-ocidental do conhecimento ocidental? Se existem vários conhecimentos ocidentais e vários conhecimentos não-ocidentais, como distingui-los entre si? [...] Que tipos de relacionamentos são possíveis entre os diferentes conhecimentos? Como formar decisões partilhadas e distingui-las das impostas? [...] E, finalmente, uma questão com especial interesse para educadores: qual seria o impacto de uma concepção pós-abissal de conhecimento (como uma ecologia de saberes) sobre as instituições educativas e centros de investigação? (SANTOS; MENESES, 2010, p. 56)

Estas perguntas não possuem respostas determinantes, porém, tentar elucidá-las é contribuir em prol da superação da colonização cognitiva que culminou na supressão de vários saberes e culturas, chamado *epistemicídio*. Este ponto também leva a uma visão mais abrangente daquilo que é conhecido e o que não é, e, como tratado por Santos e Meneses (2010): aquilo que não sabemos não é ignorância do outro, é ignorância nossa.

Tendo dito tudo isto, conclui-se que o “fazer ciência” precisa de “pessoas que sejam adaptáveis e inventivas, não rígidos imitadores de padrões comportamentais estabelecidos” (FEYERABEND, 2007, p. 221).

## REFERÊNCIAS

BUNGE, M. **Racionalidad y realismo**. Madrid: Alianza, 1985.

CARNEIRO, F. F.; KREFTA, N. M.; FOLGADO, C. A. R. A práxis da ecologia de saberes: entrevista de Boaventura de Sousa Santos. **Tempus Acta de Saúde Coletiva**, v. 8, n. 2, p. 331-338, 2014.

DAMASIO, F.; PEDUZZI, L. O. Q. Considerações sobre a alcunha atribuída a Paul Feyerabend de “pior inimigo da ciência” e suas implicações para o ensino de ciências. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 10, n. 1, p. 329-351, 2017.

FEYERABEND, P. K. **Matando o tempo** – uma autobiografia. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

FEYERABEND, P. K. **Contra o método**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

FEYERABEND, P. K. **A Ciência em uma sociedade livre**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz &Terra, 2019.

LONGINO, H. E. Subjects, power, and knowledge: description and prescription in feminist philosophies of science. In: ALCOFF, Linda; POTTER, Elizabeth. **Feminists epistemologies**. New York and London: Routledge, 1993.

SANTOS, B. de S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na Pós-Modernidade. São Paulo: Editora Cortez, 1995.

SANTOS, B. de S. **Toward a new common sense**: law, science and politics in the paradigmatic transition. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

TUBINO, F. **La interculturalidad crítica como proyecto ético-político**. In: ENCUENTRO CONTINENTAL DE EDUCADORES AGUSTINOS, 2005, Lima. Disponível em: <http://www.oalagustinos.org/edudoc/LAINTERCULTURALIDADCR%C3%8DTICACOMOPROYECTO%C3%89TICO.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.